

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades –

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT Africanidades e Brasilidades em Educação.

A implementação da lei 10.639/03 e a construção da identidade negra na Rede Municipal da Serra/ES.

Prof^a Hileia Araujo de Castro¹

Resumo

Este estudo tem por objeto os autorretratos desenhados por estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1 da Rede Municipal de Educação da Serra/ES durante as oficinas de contação de histórias desenvolvidas por mim junto às unidades escolares no ano de 2013. A análise dos desenhos explicita o modo como o pertencimento étnico encontra-se presente na representação de si como fator de identidade. Ao analisar a dimensão subjetiva da imagem que negros e brancos têm de si e do outro acessamos o espaço dos sentimentos e atitudes em constante diálogo com a construção cotidiana das identidades entendidas como processo relacional com o outro. Além da subjetividade deste processo, o entendimento das imagens criadas passa pela compreensão das condições socioeconômicas e culturais em que essas crianças estão inseridas, e, também, pela ideia de construção da identidade negra como processo na busca da equidade, no universo da escola pública.

Palavras-chave: relações raciais; identidades negras; subjetividade da representação de si, negritude.

¹.Mestra em História Social pela USP. Coordenadora de Estudos Étnico Raciais e Diversidade – CEERD da Secretaria Municipal de Educação da Serra - ES. hileiacastro@gmail.com

Introdução

As imagens desvendam aspectos da história humana que as palavras não exprimem. Mostram nuances entre sentimento e racionalidade. Fazem com que ao analisá-las corramos o risco de, ao contrário de desvendarmos as intenções daqueles que as criaram, contribuamos para aumentar a distância entre criação e interpretação. Os autorretratos, como representações de si, são voláteis, pois expressam o momento em que foram criados. Ao mesmo tempo, podem ser entendidos como espelho onde o desenhista expõe sua identidade.

Estudando os autorretratos produzidos pelos estudantes da rede pública nas oficinas de contação de histórias desenvolvidas por mim junto a unidades escolares do município da Serra, no Espírito Santo, no ano de 2013 pude constatar a variedade de modos como as crianças constroem sua própria imagem como fator de identidade.

Desenvolvimento

Examino os dados partindo do conceito de identidade no modo que explicita Hall ao analisar as ideias de Freud e Lacan relativas à formação inconsciente do sujeito como:

algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos *outros*. (HALL, 1998, p.36 - 39).

Concordo com diferentes autores quando relacionam os conceitos de raça e racismo a uma construção social e política determinada por relações de poder (ZUBARAN SILVA, 2012, p. 131), porém preocupa-me sobremaneira o modo como a criança negra serrana se vê e se coloca no mundo.

Identidade negra neste trabalho, é entendida:

“como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. (GOMES, 2014, p. 3).

Considero também o racismo como construção ideológica, entendida esta, dentro de um campo simbólico produzido por especialistas e apropriado por grupos de interesses de classe e em constante interação entre si (BOURDIEU, 1989, p. 12-13). Assim,

as imagens estão referidas ao modo de produção e às relações de classe e interesses sociais dos homens que as criaram. Desta forma, o desafio de analisá-las pressupõe o desvelamento de sua materialidade histórico-social, ou seja, sua reconstituição histórica. (SCHÜTZ FOERSTE, 2014, p.2).

Portanto, estudando a construção da autoimagem a partir da análise dos desenhos produzidos pelas crianças e conhecendo a história social do processo de exclusão e inferiorização da população negra ao longo dos séculos, trabalhar a dimensão subjetiva da imagem que brancos e negros têm de si e do outro nos permite entender a conexão entre percepção, sentimento e ação (AMMA, 2008, p.15). Essa compreensão permite uma inferência qualitativa do modo como as práticas racistas são introjetadas no subconsciente das crianças cotidianamente pela sociedade brasileira, e pela escola como reprodutora de um padrão eurocêntrico de educação.

EMEF e CMEI: conhecendo a produção das crianças negras

Da primeira parte da pesquisa fizeram parte onze turmas de Ensino Fundamental 1 e doze turmas dos grupos 3, 4 e 5 da Educação Infantil. Para este artigo, utilizei três desenhos do Ensino Fundamental e três da Educação infantil.

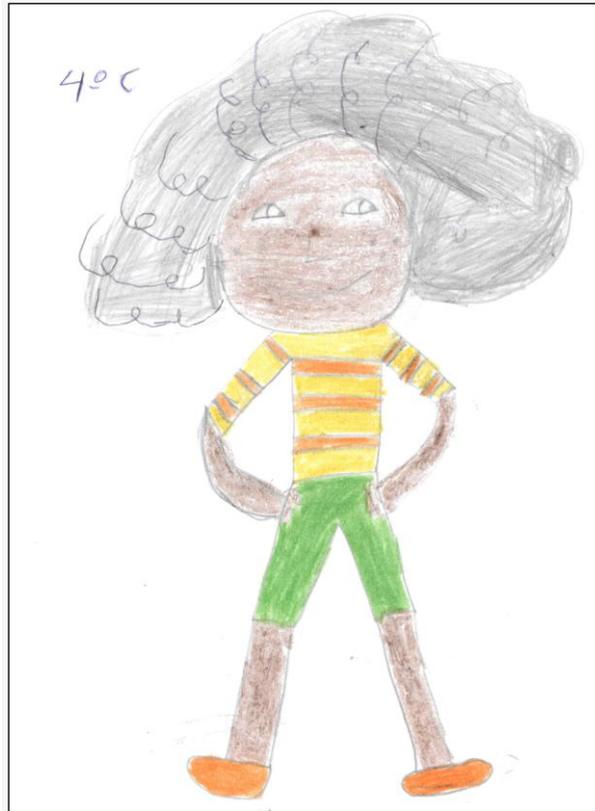
A atividade de campo constou da contação de duas histórias infantis: “Que Cor é Minha Cor?” de autoria de Martha Rodrigues com ilustrações de Rubem Filho e “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém com ilustrações de Adriana Mendonça. Com

as turmas de Educação Infantil e de 1º Ano do Ensino Fundamental trabalhei a primeira história. Já com as turmas de 4º Ano/Série do Ensino Fundamental desenvolvi atividades com as duas histórias. A narrativa das histórias e o manuseio dos livros pelas crianças prendeu a atenção em todas as turmas. Conversei com as crianças sobre cada uma. O que elas pensavam? Como se viam e a suas famílias? Elas gostavam dos seus cabelos? E da cor da sua pele? Fizemos uma roda com todos os braços estendidos lado a lado para observarmos as diferenças de cor da pele, e explorei de outras questões relativas ao texto narrado. Em seguida disponibilizei papéis, lápis de cores e gizes de cera e pedi que cada um desenhasse seu próprio retrato.

Proponho-me a analisar os autorretratos das crianças que considere mais significativos no universo do reconhecimento de si, fazendo observações sobre eles e buscando o entendimento no conjunto das imagens a influência da subjetividade cultural racista da sociedade brasileira.

Selecionei o de Dandara (nome fictício), aluna do 4º Ano em 2013. Ela reconhece sua negritude pelo modo como desenhou o cabelo e pela cor que escolheu para pintar sua pele. Ao representar-se desse modo, a criança valoriza-se como é, e mais, dá destaque ao cabelo exaltando suas características, preto e alto. Ocorre, assim, uma valorização intencional de suas origens raciais.

Dandara



Já a aluna Cristiany, (nome fictício), da 4ª série E, de outra EMEF se desenhou como uma princesa, salmão é a cor da sua pele, seu cabelo loiro tem duas tranças e seus olhos são azuis. Ela não se vê como realmente é, e, ao espelhar-se no outro estabelece uma contradição que jamais poderá ser superada sem a consciência da necessidade da exclusão do padrão racial do branco, que permeia o processo histórico da colonização escravista na sociedade brasileira, e se reproduz até os dias atuais.

Pois o negro não tem que ser negro, mas sê-lo diante do branco. [...] Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referências foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008, p.104).

Cristiany



Transcender o bombardeio da mídia, a ideologia do embranquecimento e da democracia racial, passa por uma escola em que a herança racial seja reconhecida positivamente, e mais, que trabalhe a autoestima das crianças negras para que estas possam crescer desvinculando a cor da pele de papéis sociais de subalternidade.

Outro exemplo é o João (nome fictício), da 4ª Série A de outra EMEF. Ele pintou sua pele de salmão, ao contrário do marrom presente em seu corpo, porém destacou os lábios carnudos. O contorno de seu busto é preto e os cabelos lisos diferem de sua cabeça raspada.

João



Com as crianças da Educação Infantil este processo de não reconhecimento de si, não foi diferente.

Pedro



Tamires



Alguns aspectos da negritude foram sutilmente revelados nos contornos do corpo, nas pernas pintadas por Pedro, (nome fictício), no cabelo cacheado de Tamires, (nome fictício), e no marrom passado levemente sobre seu rosto e destacado nos braços e mãos, ambos alunos do Grupo V de um CMEI.

Compreendo ser importante acrescentar o autorretrato de Joana, (nome fictício), que no Grupo IV de CMEI, apresenta as mesmas características de negação racial expressas nos desenhos de seus colegas, explicitando o quão cedo a criança aprende a negar a si e as suas origens.

Joana



Entretanto, devo destacar que todas as crianças da Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental colocaram o sol em seus desenhos. O sol simboliza a luz, brilho, esplendor e posso analisar sua presença como alegria e visão positiva de si, mesmo que esta esteja, a nossos olhos, permeada das ideologias racistas presentes na nossa sociedade.

A segunda parte da pesquisa constou de um questionário étnico racial que foi respondido em 86,6% dos CMEI da Rede Municipal da Serra, pelos segmentos de pais, professores, gestores e auxiliares de serviços gerais num total de 232. Entre as EMEF 86,1% responderam totalizando 291, pois acrescentamos às categorias citadas, os estudantes. Entendi que ao ser respondido por diferentes segmentos da instituição de ensino, as contradições encontradas nas respostas explicitariam a existência de aspectos muitas vezes invisibilizados por um segmento, e que apontam para a existência de práticas racistas no ambiente escolar. Neste estudo exploratório, as perguntas preliminares nos dão uma visão geral do pensamento da comunidade escolar.

Questões		Respostas			
Qual a sua cor?	Branco	Preto	Pardo	Indígena	Não Resp
CMEI	71	27	103	0	31
EMEF	76	53	155	1	1
Em sua turma/escola quantos estudantes você	Nenhum	5	10	Mais de	Não Resp

classificaria como negros?				10	
CMEI	13	37	36	93	53
EMEF	16	43	11	210	11
Para você as diferenças existentes no Brasil são raciais ou referem-se à classe social?	Racial	Classe	Ambos	-----	Não Resp
CMEI	17	23	152		40
EMEF	34	43	209		5
Você acredita que existe racismo em nosso país?	Sim	Não	-----	-----	Não Resp
CMEI	186	6			40
EMEF	278	5			8
Você se considera racista?	Sim	Não	Às vezes	-----	Não Resp
CMEI	3	172	20		17
EMEF	5	239	43		4
Você conhece alguma pessoa racista?	Sim	Não	-----	-----	Não Resp
CMEI	145	49			38
EMEF	216	57			18
Você já sofreu algum preconceito racial?	Sim	Não	-----	-----	Não Resp
CMEI	52	150			30
EMEF	69	219			3
Você já presenciou alguma atitude racista?	Sim	Não	-----	-----	Não Resp
CMEI	81	113			38
EMEF	159	123			9

Observo que algumas contradições foram estabelecidas: a maioria se considera pardo, mas apontam a existência de mais de 10 alunos/colegas negros em sua turma; a maioria não se considera racista, mas conhece alguém racista e, a maioria não sofreu preconceito racial, mas grande parte presenciou atitudes racistas.

Conclusão

Entendo que os dois aspectos desta pesquisa se complementam. As crianças negras que não se reconhecem como tal são fruto de uma comunidade

escolar que admite a existência de práticas racistas na sociedade e, não reconhece essas mesmas práticas em seu cotidiano.

O racismo na escola está presente nos xingamentos entre os alunos, na inexistência, no cantinho da leitura, de literatura com personagens negros, no/a professor/a não passar a mão no cabelo da criança negra e elogiar o cabelo liso da coleguinha, e, não ouvir a criança negra, entre outras atitudes.

O dano causado que essas ações, somadas a invisibilidade produzida pela mídia e a herança histórica da escravidão, produzem na construção da personalidade das crianças fica evidenciado nos autorretratos. A relação positiva com a negritude, na maioria dos casos, vem da família, que conscientizada de sua herança étnica, transmite à criança os valores de reconhecimento de si. Porém, esta realidade é pouco expressiva no município da Serra, no qual, segundo IBGE cidades, 67% de sua população é negra (pretos + pardos) e 30,6% está na linha da pobreza. Significando grau de instrução baixo, falta de acesso a moradia digna, rede de esgoto, e demais índices que possibilitam a melhoria da qualidade de vida.

Verificamos que existe a negação da própria imagem nos autorretratos, e isso evidencia uma baixa autoestima que pode provocar dificuldades de relacionamento e baixo rendimento escolar. A resposta para esta situação está na implementação plena das Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, com formação de professores, material didático, orientação de gestores e a construção de uma escola onde todos se respeitem e sejam tratados com equidade.

Referências

AMMA. **Psiquê e Negritude**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2008.

BELEM, Valéria. **O Cabelo de Lele**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz Lisboa. Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989.

FANON, Franz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>. acesso em 20/05/2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Projeto A Cor da Cultura.
<http://acordacultura.ning.com/blog/questionario-para-avaliar-como-sua-escola-aborda-o-racismo>. Acesso em: 15/02/2014.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é minha cor?** Belo Horizonte: Mazza Edições. 2006.

SCHÜTZ FOERSTE, Gerda Margit. **A imagem e identidade: um estudo sobre a construção da visibilidade de negros e mulheres em imagens artísticas e na mídia.** http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Gerda_Foerste_35.pdf. Acesso 21/05/2014.

ZUBARAN e SILVA. **Interlocuções sobre Estudos Afro-Brasileiros: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro.** *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abr 2012.